

**Comentários a respeito do artigo:  
“Gramática, competição e padrões de  
variação: casos com *ter/haver* e *de/em* no  
português brasileiro”, de Juanito Avelar**

The *ter* vs *haver* variation and the distinction between  
core grammar and periphery

Mary A. Kato  
UNICAMP

O trabalho de Juanito Avelar contém dois exemplos de variação no Português do Brasil, a saber, entre *ter* vs *haver*, de um lado, e entre *em* vs *de* de outro. O autor argumenta convincentemente que enquanto no primeiro caso temos um caso de alternância entre o que está disponível na gramática nuclear e na gramática periférica, no segundo a variação é dentro da mesma gramática nuclear.

Embora aparentemente o que temos nos dois casos analisados seja de variação lexical, que leva à adoção do princípio do “efeito de bloqueio”, Avelar apenas parte desse princípio para analisar os dois casos. Lembremos que segundo esse princípio não é possível a existência de dois itens funcionais com as mesmas condições de realização de uma mesma gramática. No caso de *ter/haver*, o autor mostra que, apesar das evidências extra-lingüísticas de um fenômeno de mudança, que levaria à necessária substituição de *haver* por *ter*, ainda assim, o estatuto categorial distinto dos dois impede de bloquear sua co-ocorrência. Seu trabalho mostra, ainda, que adjuntos com *em* e com *de* constituem construções sintáticas diferentes, com incidências proporcionalmente parecidas entre gerações, não cabendo o tratamento de mudança e conseqüentemente de bloqueio.

É importante ressaltar, contudo, que, embora “o efeito de bloqueio” tenha sido introduzido como um princípio para evitar “doublets” lexicais, pode-se dizer que ele é operativo entre construções, como, por exemplo, no caso da evolução do futuro, que assistiu a mudanças de formas analíticas para sintéticas para retornar a novas formas analíticas (*amare-habeo* > *amarei* > *vou amar*).

Uma estratégia comum para explicar a co-ocorrência da forma velha e da nova, sem violar o bloqueio, é dizer que as formas não constituem “doublets” reais porque tem significados ligeiramente distintos. É o tratamento dado à variação entre o futuro sintético e analítico tanto pelas gramáticas do português quanto do inglês. O mesmo tipo de crença subjaz à argumentação de Lavandera (1978), para quem não existe variação sintática, pois todos os casos examinados envolvem alguma diferença de significado. Avelar prefere falar na distinção funcional/substantivo, mas de qualquer forma mostra que nos dois casos estudados, não há uma equivalência absoluta de distribuição. Nesse particular, não fica claro no texto do autor, quando diz que no PB *haver* “deixou de ser uma categoria funcional, tendo sido reanalisado como um verbo existencial substantivo, passando a se incluir na família de itens como *acontecer, ocorrer, surgir, existir etc*”. Mas nos exemplos dados em (12), a equivalência que se observa não é de *haver* e os outros existenciais lexicais, mas de *ter* com esses verbos.

- (12) a. *Teve/aconteceu* um acidente horrível na estrada.  
 b. Sempre *tem/acontece* alguma confusão nas festinhas da universidade.  
 c. Não *tem/existe* vida em outros planetas do sistema solar.  
 d. Nunca *teve/existiu(ram)* partidos políticos totalmente confiáveis no Brasil.

Para Avelar, além disso, há contextos em que *haver* é inaceitável, podendo ocorrer apenas *ter*. Alguns de seus exemplos têm a ver com a co-ocorrência de termos coloquiais, e a estranheza é esperada já que *haver* é o item conservador.

- (10) b. *Tem / \*Há gente* na festa que odeia cheiro de cigarro.  
 c. *Teve / ??Houve* muitos docinhos na festa que a Maria deu.

Mas a questão mais séria é que se *ter* é funcional e *haver* não, o princípio do bloqueio não atua para a sua co-existência. Mas se ele não atua, os dois verbos

poderiam estar na gramática nuclear, constituindo uma variação interna a ela, não havendo necessidade de se atribuir *haber* à gramática periférica. O único argumento para considerá-lo periférico seria, nesse caso, as evidências externas.

Com respeito a variação *de/em*, considero o tópico original e de extrema relevância. Mas, além da análise só no PB, ele mereceria uma análise translingüística mais detalhada, com o inglês, por exemplo. Avelar traz um pouco dessa reflexão no final da seção que trata das preposições, mas teria sido interessante apontar para o fato de que muitos dos “erros” de brasileiros no uso das preposições do inglês, e possivelmente em outras línguas, tem a ver com um maior número de ocorrências da preposição *de* em PB, quando o inglês usa menos neutralização (ex. \*He is the tallest *of* the classroom. em lugar de He is the tallest *in* the classroom”).

Com relação ao PB, Avelar começa dizendo que se poderia usar o conceito de bloqueio em função do estatuto semântico esvaziado da preposição *de*. Mas prefere recorrer a dois comportamentos sintáticos que diferenciam os dois. Assim, enquanto o DP nucleado por *de* admite extração-wh, o DP nucleado por *em* não a permite (ilustrado em seus exemplos (23) e (24)).

- (23) a. A criança comeu o bombom *da* caixa.  
b. A criança comeu o bombom *de* qual caixa?  
c. *De* qual caixa que a criança comeu o bombom?

- (24) a. A criança comeu o bombom *na* caixa.  
b. A criança comeu o bombom *em* qual caixa?  
c. \* *Em* qual caixa que a criança comeu o bombom?

Outra diferença é que *de*, mas não *em*, admite interpolação de determinados elementos entre o nome modificado e o constituinte modificador (ilustrado em seus exemplos (25)-(26)).

- (25) a. A criança comeu o bombom só/até/eu acho que/inclusive da caixa.  
b. O rapaz bebeu a cerveja só/até/eu acho que/inclusive da garrafa.  
c. O Pedro conhece os professores só/até/eu acho que/inclusive da universidade.

- (26) a. A criança comeu o bombom \*só/\*até/\*eu acho que/\*?inclusive na caixa.  
 b. O rapaz bebeu a cerveja \*só/\*até/\*eu acho que/??inclusive na caixa.  
 c. O Pedro conhece os professores \*só/\*até/\*eu acho que/??inclusive na ....

O estranho é que o autor não usa argumento de natureza sintática para desconsiderar o princípio do bloqueio para *ter/haver*. Trabalhos sobre o PB têm mostrado (cf. VIOTTI, 1999 entre outros) que o verbo existencial *ter* admite alçamento do locativo ou a junção (merge) de um DP com interpretação de sujeito indeterminado, enquanto *haver* barra essas construções:

- (i) a. Tem/há lindos prédios em são Paulo  
 b. *São Paulo* tem/\*há lindos prédios.  
 (ii) a. Tem/há um xérox ali na esquina.  
 b. *Você* tem/\*há um xérox ali na esquina.

A análise dos adjuntos com *em/de* segue a proposta de Raposo (1999), que adota a teoria de fases, para dizer que as preposições diferentes de *de* são inseridas na mesma fase em que seus objetos são inseridos, enquanto a preposição *de* entra pós-sintaticamente. Mas a proposta de Raposo é feita para explicar o contraste em construções elípticas do tipo abaixo :

- (24) a. conheci o estudante de química, mas não conheci o ~~estudante~~ de física  
 b. a destruição de Roma foi tão cruel como a ~~destruição~~ de Cartago  
 (28) a. \*a crença em Deus é mais forte que a \_\_\_ no Diabo  
 b. \*o voto pelos comunistas é mais radical que o \_\_\_ pelos Socialistas

A representação de Raposo em (30) e (31), para esses casos, onde aparecem elementos elípticos, só tem significado se os exemplos de eclipse de Raposo estiverem em seu texto. Falta, portanto, uma ponte entre a análise de Raposo, sobre a elipse licenciada com *de* e não licenciada com *em*, e os fenômenos analisados no texto de Avelar.

## CONCLUSÃO

O trabalho apresenta uma reflexão séria sobre o assunto da variação intralingüística, em uma linguagem clara e com dados empíricos iluminadores. Para tratar do caso de *ter/haver* ou outros casos que envolvem um uso conservador e um uso inovador, em oposição à variação entre as preposições *de* e *em* em adjuntos adnominais, Avelar usa dos conceitos de gramática nuclear e periférica (CHOMSKY, 1981), atribuindo *ter* à primeira e *haver* à segunda, tornando concreta a proposta de Kato (2005) para o estatuto da gramática da escrita. Para o caso das duas preposições, contudo, Avelar argumenta que se trata de um caso de variação interna à gramática nuclear, contradizendo um ponto de vista como o de Lavandera (1978).

Trata-se de um excelente exemplo de trabalho que associa metodologia quantitativa variacionista com um sólido uso de sintaxe formal, tradição metodológica iniciada no Brasil por Fernando Tarallo e Mary Kato. Através dele, Avelar consegue mostrar que, lidando apenas com dados de língua-E, o lingüista pode chegar a uma boa interpretação dos fatos da gramática abstrata, equivalente aos resultados obtidos por dados de introspecção. É engenhosa a sua estratégia de usar um lingüista do futuro analisando apenas os dados positivos contemporâneos e confrontando esses resultados com os de um gerativista contemporâneo usando dados positivos e negativos.

Parecer Final: o trabalho é excelente e merece publicação.

## NOTA

<sup>1</sup> O conceito de gramática nuclear e periférica é introduzido em Chomsky (1981), para quem a Língua-I pode conter idiossincrasias como empréstimos, resíduos de mudança e invenções. Kato (2005) leva adiante essa concepção para atribuir o conhecimento adquirido via escolarização a essa periferia.

## Referência não incluída no texto de Avelar

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society*, 7, p. 171-82, 1978.